

2 Regional

A paisagem da ilha vulcânica como metáfora da pintura

A pintora Ana Catarina Fragoso termina esta semana a residência artística de um mês no Pico do Refúgio, de onde leva já um conjunto de trabalhos onde os detalhes da paisagem vulcânica revelam novos universos como um todo

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acrossanooriental.pt



Ana Catarina Fragoso confessa que, durante este último mês que passou no Pico do Refúgio, se sentiu impelida pela ilha a criar

Pintora Ana Catarina Fragoso no Instituto Cultural de Ponta Delgada

A pintora Ana Catarina Fragoso vai estar amanhã, dia 1 de fevereiro, no Instituto Cultural de Ponta Delgada, pelas 18h30, para o Open Day da residência artística que termina esta semana no Pico do Refúgio, onde irá partilhar as suas ideias sobre a pintura e um pouco do trabalho que desenvolveu durante a residência artística de um mês. Ana Catarina Fragoso nasceu em Lisboa em 1984, onde vive e trabalha atualmente. Licenciada em Artes Plásticas - Pintura (2008) e Estudos Arquitetónicos (2012). Da sua prática

quando está num determinado lugar não tem noção do todo", diz. Ana Catarina Fragoso dá um exemplo: "no vale das Lombadas, queria ir até uma charca que estava cheia de óxido de ferro e tive de subir à ribeira e andar por cima das pedras. E pensei: isso

artística, destacam-se as exposições "A montanha que também era de ferro" (Nanogaleria, Lisboa, 2019), "SuperAmoled" (Colégio das Artes, Coimbra, 2018), "Rrevolução" (Colégio das Artes, Coimbra, 2017), "Casa-Pátio" (Espaço das Mercês, Lisboa, 2016), "Apreço" (Zaratan, Lisboa, 2015), "Fazer Falso" (Espaço AZ, Lisboa, 2015). Colaborou com os ateliers dos artistas Miguel Palma, em Lisboa, e Adriana Molder, em Berlim. E lecionou Educação Visual e História da Cultura e das Artes na Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional.

é o que estou a fazer com a pintura. Quando estamos a andar num rio a gente sabe para onde quer ir, mas não se pode ir em frente, e por isso temos de olhar para o chão e atravessar uma rocha de cada vez. No final fica uma imagem orgânica".

Pintar no chão, ajuda a este processo que encontrou como forma de chegar a esta imagem orgânica da paisagem. "Trabalhar no chão impede-me de ver o todo. Concentro-me em cada bocadinho de cada vez. E só no final é que vejo. E é sempre uma surpresa. Vamos para sítios que nunca pensamos. E é de algum modo uma relação mais inconsciente com o espaço que me interessava abordar", explica.

E é esta surpresa do resultado final que alimenta a sua vontade de fazer mais. E os seus últimos trabalhos são sempre os seus preferidos, confessa.

Em cima da mesa da sala, em destaque estão precisamente os seus últimos trabalhos. A pintora explica como surgiram: "Era uma onda muito bonita e muito bem formada. Depois comecei a pintar e a fazer 'zoom' - e já não era a onda, era um bocadinho da onda, e naquele bocadinho havia verdes, roxos, e deixei-me deslumbrar por todos aqueles pedacinhos. No

fim, quando os vi, pensei: afinal isto já não são ondas, são paisagens".

E qual o destino dos trabalhos que produziu durante a residência artística que agora chega ao fim? "Faria sentido partilhar estes pensamentos com as pessoas da ilha. Talvez pudessem achar interessante ver outra forma de pensar o território que é habitual para elas, mas para mim não", diz, acrescentando que gostaria de apresentá-los numa exposição.

Ainda está a ponderar usar alguns, na intervenção que inaugura, na próxima semana, a 8 de fevereiro, na Nanogaleria, em Lisboa, e onde estará em destaque "A montanha que também era de ferro", uma peça que "fala da ideia de pintura e da sua relação com a escultura" e que Ana Catarina Fragoso descreve como "um triângulo dobrado ao meio, com dois metros, que cria a sensação de que a montanha estava de pé e dobrou-se, caiu com o peso da tinta".